

TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Tradição e contemporaneidade: duas palavras que têm sido identificadas com conceitos aparentemente opostos, e no entanto... é precisamente o contrário. De facto, nos dias de hoje, num contexto de globalização sem norte e sem governança. Numa época de fundamentalismos de todo o género e de perda dos valores humanistas que caracterizaram ou nortearam durante séculos os povos e as nações culturalmente mais desenvolvidas, nestes dias, dizia, afigura-se da maior pertinência e diria até, urgência, encontrarmos os antídotos para a descaracterização que estas realidades nos impõem de forma tão drástica.

Em todas as atividades do Homem – na indústria, no comércio, nas artes, na cultura em geral, nos serviços, até na agricultura – o primado do dinheiro sobrepõe-se ao do Homem como centro de todas as coisas, como objetivo último ou até único. E a *civitas* não escapa a esta voragem mercantilista que nos recorda os velhos mitos da antiguidade clássica. Neste contexto, portanto, a tradição ou o olhar sobre as tradições numa perspetiva ou enfoque sem preconceitos, afigura-se da maior pertinência e atualidade. Na obra arquitetónica, no “fazer cidade”, como em tantas outras atividades, o ganho que podemos obter da aprendizagem das soluções e dos valores tradicionais é muito significativo.

O conceito de Tradição encerra em si mesmo a inovação, num processo evolutivo que, preservando o arquétipo, valoriza os resultados, adequando ou adaptando esses mananciais de informação e de sabedoria aos modos de vida, às circunstâncias que cada época, em constante mudança, nos vai impondo num processo vivo e inexorável.

Uma tradição morta não é uma tradição mas sim uma manifestação nostálgica ou recordação.

Também nos edifícios que construímos, na cidade que fazemos, todos os dias, poderemos contribuir para a preservação das identidades locais e regionais se atendermos às tradições existentes, se procurarmos compreender os locais, as suas gentes e a sua cultura, ao invés de seguirmos outros propósitos mais mediáticos mas profundamente devastadores.

JOSÉ BAGANHA
ARQUITETO

Tradição e contemporaneidade são, portanto, afinal, conceitos indissociáveis e até complementares. Um não pode existir sem o outro.

Na obra arquitetónica (englobando aqui todas as suas especialidades – da conservação e restauro, da reabilitação até à renovação, à obra nova e ao desenho urbano) o estudo das formas e dos processos tradicionais é hoje um imperativo. Não já por razões de gosto ou preferência estilísticas mas porque esse estudo e a aplicação dos saberes que daí colhermos é a única atitude responsável – do ponto de vista ético, do económico, do social – se queremos contribuir para um mundo mais sustentável, em que o Homem reencontre o equilíbrio com a natureza e, assim, possamos viver numa nova era plena de Paz e Harmonia.